

Rocca di Papa, 24 de outubro de 1978

Como amar o irmão (II parte)

Como amar o irmão?

É Cristo que ama em nós com a caridade

Amar o irmão, cada irmão, como o Espírito Santo ia nos ensinando nos primeiros tempos do Movimento foi uma autêntica revolução. Naquela época, os cristãos que conhecíamos e que procuravam o caminho da perfeição, viam no homem sobretudo um obstáculo para chegar a Deus. Recorriam, até mesmo deformando-as muitas vezes, a espiritualidades boas, ótimas. Porém adequadas sobretudo para aquelas pessoas chamadas a abandonar este mundo a fim de se retirar num convento.

De que maneira poderíamos nos esquivar dos homens, tendo sido chamados a viver no meio deles? Naturalmente Deus usou a sua pedagogia para nos ensinar a amar o irmão, permanecendo no mundo, sem ser do mundo. Imediatamente nos fez entender que amar o irmão, sem cair no sentimentalismo ou em outros erros, era possível porque Ele mesmo, em nós, podia amar com a caridade. Portanto, amávamos Cristo no outro, nos outros, mas ao mesmo tempo era Cristo em nós que devia amar.

E o que é a caridade? Nós o sabemos: é um amor que vem do alto. São Paulo diz: «...o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (196). Portanto, a caridade é uma participação do «ágape» divino. Esta caridade, este amor é assim: é espontâneo, é sempre novo, encontra sempre novos modos para se manifestar, não se deixa codificar, inventa soluções imprevisíveis. Diz São Paulo: «...andai segundo o Espírito Santo» (197).

As suas características são ainda o desinteresse, a iniciativa, a universalidade e a doação de si até o sacrifício.

Para amar, o cristão deve fazer como Deus: não esperar ser amado, mas "ser o primeiro a amar". E já que não pode agir assim com Deus, porque Deus é sempre o primeiro a amar, o cristão pode fazê-lo com o próximo. São João, após ter dito que Deus nos amou, não conclui - como teria sido mais lógico - dizendo: se Deus nos amou, nós devemos amá-lo em troca. Ele diz: «Caríssimos, se Deus assim nos amou, também nós devemos amar-nos uns aos outros» (198).

E unicamente porque a caridade é participação do «ágape» de Deus é que podemos ultrapassar os confins naturais, amar os inimigos e dar a vida pelos irmãos.

Por isso, o amor cristão é característico da nova época e o Mandamento Novo é radicalmente novo e introduz na história humana e na ética humana uma "novidade" absoluta.

«Este amor - escreve Santo Agostinho - nos renova a fim de que sejamos homens novos, herdeiros do Testamento Novo, cantores de um cântico novo» (199).

Se a caridade é amor divino participado a nós, ela se diferencia da filantropia. De fato, o amor cristão não considera os homens do ponto de vista da sua natureza, mas do ponto de vista do amor que Deus tem por eles, porque vê neles filhos de Deus e imagens dele (200).

Portanto, a caridade não é simples benevolência. São Leão Magno diz: «A benevolência terrena limita-se àqueles aos quais oferece ajuda. A bondade cristã, ao invés, tem como termo final o seu autor», isto é, Deus. Portanto, quando fazemos o bem «nós somos bondosos para com aquele que, pela fé, consideramos operante dentro de nós» (201).

Como a caridade se manifesta

Agora vejamos como a caridade se manifesta.

Um trecho do Cura d'Ars explica-o muito bem e parece um eco do hino de São Paulo sobre a caridade. Diz:

«– Porém, vocês me dirão, como podemos saber se possuímos esta bela e preciosa virtude, sem a qual a nossa religião não passa de um fantasma?

Antes de tudo, uma pessoa que tem a caridade não é orgulhosa; não gosta de dominar os outros; nunca a ouvem recriminar o comportamento alheio; não gosta de falar daquilo que faz. Uma pessoa que tem a caridade não analisa a intenção dos outros...; nunca julga que faz melhor do que os outros nem se considera superior a quem está a seu lado. Muito pelo contrário, acha que os outros fazem melhor do que ela. Não se ofende se, em vez dela, preferem o próximo; se é desprezada, continua contente, pois acha que merece ainda mais desprezo.

Quem tem a caridade evita o mais possível entristecer os outros, porque a caridade é um manto real que sabe esconder bem os erros dos próprios irmãos e não consente que se pense que é melhor do que eles» (202).

Segundo São Vicente de Paulo a caridade pode se exprimir no "fazer-se um" com o irmão, uma característica do Movimento desde o seu início. "Fazer-se um", fazer o vazio de si para acolher o irmão, solidarizar-se com ele.

Para São Vicente a caridade é: «...não conseguir ver uma pessoa sofrer sem sofrer com ela; vê-la chorar sem chorar com ela. É um ato do amor que faz compenetrar os corações e sentir aquilo que o outro sente, distinguindo-se muito bem do modo de agir dos homens que não sentem nada ao ver a angústia dos aflitos e o sofrimento dos pobres. O Filho de Deus tinha um coração meigo: vieram chamá-lo para ver Lázaro e Ele foi; Madalena levanta-se e corre ao seu encontro chorando; os judeus a seguem e também choram; todos choram. E o que faz o Senhor? Chora com eles, tão grande é a ternura e compaixão que traz em seu coração. Foi esta sua ternura que o fez descer do céu. Via os homens privados da sua glória. Ficou sensibilizado com a desgraça deles. Portanto também nós, como Ele, devemos compadecer-nos dos sofrimentos do nosso próximo e participar de suas dores. Oh São Paulo, quanto você era sensível a tais sofrimentos! Oh Salvador, que plenificou este apóstolo com o seu espírito e com a sua ternura, faça com que também nós possamos repetir como ele: “Quem está doente sem que eu esteja doente com ele?

Ser cristão e ver o próprio irmão que sofre sem sofrer com ele, sem estar doente com ele, significa não possuir a caridade e ser cristão de nome...» (203).

Ouvindo esses santos, é claro que devemos amar com todo o nosso ser; não podemos usar meias medidas nem ser pessoas sem coração. Jesus quer um amor que, como diz Lucas, «se compadece» (204). Devemos nos doar totalmente ao irmão e acolhê-lo em nós.

Se um próximo nos ofender, não devemos responder ao mal com o mal, «mas vencer o mal com o bem» (205). Devemos fazer o bem a todos e de modo particular àqueles que partilham a nossa fé. Se assim fizermos, será mais fácil que o amor se torne recíproco. Esta mútua caridade terá repercussão nos irmãos que não possuem a fé, porque é um testemunho de Deus.

A caridade, que tende à reciprocidade, tem o poder de construir a comunidade cristã. Escreve São Paulo: o amor «edifica» (206); isso quer dizer que, com o amor cristão, nós edificamos a comunidade.

Esta é também a experiência do Movimento desde a sua origem e sempre: de pessoas isoladas passamos a ser uma comunidade. Vê-se que era o amor cristão que agia nas primeiras focolarinas.

O homem não é um meio para amar a Deus

Alguém poderia pensar que no cristianismo o homem é usado como um meio para amar a Deus. Não é assim.

«O homem - diz o teólogo Emile Mersch - é em si mesmo um fim, um valor absoluto e supremo; a simples filantropia natural chega ao ponto de amá-lo em vista de sua grandeza intrínseca. Porventura a caridade do Cristo seria menos humana e chegaria a vê-lo somente como um meio para amar a Deus?

Um filho pode se sentir feliz e orgulhoso por ser amado por causa de seus pais. Isso é justificável porque ele, de certo modo, se identifica com os pais. Porém, se fosse amado somente por causa dos pais, logo teria a impressão de ser deixado de lado e não amado.

A caridade tem por objetivo o homem, realmente; não passa através dele para ir além. O que iria buscar mais adiante? Desde que o Verbo se fez carne e se fez um, “unus” conosco (207), já não é necessário procurar Deus na imensidão do Céu, mas na interioridade do homem, onde Ele se encontra como princípio interior de vida e de divinização» (208).

Também a "Gaudium et spes" diz: «com a encarnação o Filho de Deus de certo modo uniu-se a cada homem» (209).

E como se tornam aqueles que vivem a caridade? Santa Catarina o explica, relatando aquilo que lhe disse «o doce e amoroso Verbo»: «...entre as belezas que dei à alma, criando-a à minha imagem e semelhança, olhe para aqueles que estão revestidos com a veste nupcial da caridade, adornados de muitas virtudes verdadeiras e reais e unidos a mim por amor. Se você me perguntasse: “Quem são eles?, eu responderia: “Eles são outro eu...”» (210).

Portanto, a caridade diviniza.

¹⁹⁶ Rm 5, 5.

¹⁹⁷ Gl 5, 16.

¹⁹⁸ 1 Jo 4, 11.

¹⁹⁹ Agostinho, In Io. Evang. tract., 65, 1 (PL 34-35, 1808).

²⁰⁰ Amore di Dio e amore del prossimo, cit., pp. 349-350.

²⁰¹ Leão Magno, Serm., 45, 3 (PL 54, 290).

²⁰² Curato d' Ars, Pensieri, in Scritti scelti, cit., p. 117.

²⁰³ M. Auclair, La parola a san Vincenzo de' Paoli, cit., pp. 354-355.

²⁰⁴ Cf. Lc 10, 33.

²⁰⁵ Cf. Rm 12, 21.

²⁰⁶ 1 Cor 8, 2.

²⁰⁷ Cf. Gl 3, 28.

²⁰⁸ Cf. E. Mersch, *Morale e Corpo Mistico*, Brescia 1955, pp. 373-380.

²⁰⁹ GS 22.

²¹⁰ D 1, in *Il messaggio di Santa Caterina da Siena Dottore della Chiesa*, cit., p. 243.